

CURRÍCULO, TECNOEFICIÊNCIA E RACISMO DE ESTADO: BREVE ANÁLISE DO LIVRO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Adenaide Amorim Lima

Graduanda do curso de Pedagogia – VIII Semestre, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Vitória da Conquista. Email: adenaide2007@hotmail.com

Resumo: Este artigo é fruto de um trabalho monográfico¹ e, tem como objetivo refletir sobre o currículo e o racismo de Estado a partir do livro de ficção científica *Admirável mundo novo* fazendo um paralelo com nossa realidade. O currículo presente na ficção acompanha e controla os indivíduos, desde o nascimento até a morte. Em cada relação de saber-poder-controle, na ficção, há a presença de um forte racismo de estado e, através do processo educacional está um currículo específico. O currículo é um fator importante na vida de cada sujeito e, desempenha um papel decisivo na vida escolar e/ou mesmo fora dela. A escola, através do currículo tende – às vezes mais, às vezes menos – à homogeneidade formativa, através de saberes verticais que tende a ignorar os limites e as particularidades de cada indivíduo.

Palavras-chave: Currículo. Tecnoeficiência. Racismo de Estado. Admirável mundo novo.

1 Introdução

Admirável mundo novo, escrito em 1931, por Aldous Leonard Huxley, é um livro de ficção científica. Nele é apresentada uma sociedade baseada na tecnoeficiência exacerbada, no consumismo desenfreado e na extrema eficiência dos indivíduos em desempenhar suas funções. Criados em laboratório e divididos em castas, esses indivíduos, por meio de um currículo eficiente e controlador, não tem nenhuma possibilidade de mobilidade social e vivem em uma harmonia artificial, onde cada um desempenha seu papel na sociedade, de forma disciplinada e controlada.

Huxley escreve seu livro tendo por base o contexto social vigente de sua época. O surgimento do Fordismo, um novo modelo de produção em massa surgido em 1913 e o modelo de ensino proposto por Bobbitt quando em 1918 escreve *The curriculum*, uma proposta de currículo escolar baseado no tecnicismo e nas concepções de **Frederic Taylo**. As principais finalidades desse currículo era explorar e desenvolver habilidades nos alunos para que, saíssem das escolas aptos aos trabalhos das fábricas. Através do “controle do tempo” pretendia dar maior lucro em um curto espaço de tempo.

Com a aceleração da industrialização nos Estados Unidos, a imigração de pessoas vindas de diversas partes do mundo – de culturas, com saberes e costumes diferentes – comprometeu, de forma significativa, a homogeneidade de uma cultura, provocando uma “crise moral”. Diante de tal contexto, para não comprometer o desenvolvimento do país, algumas medidas tiveram que ser

¹ A monografia tem como título “Relações de saber-poder no currículo: uma análise do livro admirável mundo novo”, sob a orientação do Professor Doutor Benedito Gonçalves Eugênio. Está disponível no acervo do curso de Pedagogia, na biblioteca da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

tomadas, principalmente, no que diz respeito à educação.

Através do currículo e as relações de poder atuantes, pretendiam formular um movimento que agiria como uma espécie de cura social. Voltada para as crianças delinquentes, crianças das classes pobres, imigrantes e de raças minoritárias e ainda como a resposta socialmente “correta” para a inserção social. Buscava-se no currículo uma forma de trabalhar esses “desvios” da sociedade.

2 Currículo e Tecnoeficiência

A década em que Huxley escreve seu livro é tida como uma das épocas mais terríveis da história. Dois anos antes tem a grande depressão e oito anos depois a segunda grande guerra mundial e entre esses dois grandes acontecimentos começam a eclodir movimentos totalitários em diversos países. São esses movimentos totalitários que influenciam o autor no enredo de *Admirável mundo novo*.

Sobre seu livro o próprio Huxley (1980, p. 14), descreve no prefácio:

[...] o Admirável Mundo Novo é um livro sobre o futuro e sejam quais forem as suas qualidades artísticas e filosóficas, um livro sobre o futuro só nos pode interessar na medida em que suas profecias nos pareçam originariamente capazes de virem a realizar-se.

Huxley descreve uma sociedade projetada a partir do real, do concreto, do contexto social em que vive das forças que começam a emergir e se impor em vários segmentos sociais e institucionais. De poderes econômicos e, de novos saberes que começam a surgir e a serem disseminadas nas escolas. Através de um currículo com metas, objetivos econômicos e sociais a serem alcançados através da extrema disciplina da mente e do corpo, administração e aproveitamento do tempo, vigilância e conseqüentemente punição para aqueles que não executarem o “programa” com extrema técnica e eficiência, tanto no âmbito educacional e conseqüentemente econômico. Sobre essas novas tecnologias de poder e de controle Foucault (2005, p. 289) diz:

[...] a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, são na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. [...] uma tomada de poder [...] que é massificante [...] em direção não do homem-corpo, mas do homem espécie.

Em 1913 tem início nos Estados Unidos o Fordismo/Taylorismo, um novo modelo de sistema produtivo automobilístico idealizado por Henry Ford, que se disseminou por vários outros segmentos da produção industrial, favorecendo o aumento do lucro por parte dos empresários e o

desenvolvimento e o fortalecimento do capitalismo de forma bastante acelerada. Segundo Alves (2005, p. 10):

O fordismo surge como um novo mecanismo de acumulação e distribuição do capital financeiro, fundamentado na organização do trabalho industrial e na “estrutura jurídica formal” do Estado, orientando de fora para dentro o processo de produção. Esse modelo aprofunda os princípios do taylorismo, intensificando o trabalho com a utilização da esteira rolante e o controle da vida do trabalhador, e representa um modo mais avançado de racionalização capitalista implementado no processo de trabalho por várias décadas do século XX. Enquanto o taylorismo significa o empenho em aplicar os métodos da gerência científica para controlar o trabalho, o fordismo aprofunda essas bases, inovando na busca da adesão dos trabalhadores, mediante aumento dos salários.

Goytisoló, em 1977 publica um livro onde aborda preocupações, a respeito do processo de desumanização devido à tecnocracia e a expansão acelerada do capitalismo. Em um trecho ele cita:

[...] os indivíduos deixam de ser seres vivos conscientes de si mesmos, que se esforçam por ajustar deliberadamente os meios aos fins escolhidos por eles em relação causal. Convertem-se em seres vivos empurrados por um dinamismo surgido de profundidades sobre as quais não tem domínio (GOYTISOLO, 1977, p. 175).

O livro de ficção aqui em análise mostra como esse modelo, antes existente somente no âmbito do trabalho, se desloca para todo o segmento da vida humana. Onde a própria concepção da vida, que é feita de forma industrial, sendo cada fase da fabricação em um ambiente específico: depósito de órgãos no subsolo, sala de fecundação, sala de enfrascamento, rotulação dos frascos com características dos indivíduos, etc.

Como consequência, dessa vasta produção industrial em nossa realidade a população como um todo recebe um extremo incentivo e estímulo ao consumismo. Novos valores são impostos em nossa sociedade, onde o ter vale muito mais que o ser. Em relação a isso Marcuse (1975, p. 14) argumenta:

Hoje em dia, essa união de liberdade e servidão tornou-se “natural” e um veículo do progresso. A prosperidade apresenta-se, cada vez mais, como um pré-requisito e um produto marginal de uma produtividade auto-impulsionada, em constante busca de novas saídas para o consumo e a destruição, no espaço, exterior e interior, embora seja impedida de “extravasar” nas áreas de miséria – tanto nas internas quanto nas externas.

Devido ao processo acelerado de industrialização nos Estados Unidos, a imigração de pessoas vindas de diversas partes do mundo, pessoas de culturas, saberes e costumes diferentes comprometeu de forma significativa a homogeneidade de uma cultura, provocando o que Paraskeva

denominou de uma “crise moral”. Diante de tal contexto, para não comprometer o desenvolvimento do país, algumas medidas tiveram que ser tomadas principalmente no que diz respeito à educação.

Através do currículo escolar e das relações de poder atuantes, pretendiam formular um movimento que agiria como uma espécie de cura social. Voltada para as crianças delinquentes, crianças das classes pobres, imigrantes e de raças minoritárias e ainda como a resposta socialmente “correta” para a inserção social. Buscava-se no currículo escolar voltado para esse segmento da população, uma forma de trabalhar esses “desvios” da sociedade. De acordo com Paraskeva (2004, p. 2):

Na verdade, e nesta cruzada destacaram-se Armstrong [para quem a formação manual era uma forma de corrigir os defeitos de carácter dos Afro Americanos], Washington [para quem a formação manual devia uma credível independência económica para a comunidade Afro Americana] e Du Bois [para quem a formação manual havia adiado o seu verdadeiro dever: contribuir para a igualdade social].

No decorrer do livro de Huxley, percebemos sua preocupação quanto as possíveis transformações futuras através da tecnoeficiência e do extremo artificialismo, a questão das desigualdades das raças, dos gêneros; a distribuição dos saberes; e como viveria quem não aderisse por uma razão ou outra “essa nova realidade”. Não somente Huxley com sua literatura, mas várias outras áreas de conhecimento e da arte manifestaram na década de 30, o seu olhar crítico sobre a nova estabilidade social que estava sendo imposta. Como fez também no campo cinematográfico o fantástico filme *Tempos modernos*, de 1936 do cineasta Charles Chaplin.

3 Admirável mundo novo e o racismo de Estado

A sociedade do *Admirável mundo novo* é dividida por castas. Não há de forma alguma mobilidade social e nenhuma casta questiona sua posição social, pois a elas são negadas o saber que permitiriam perceber a realidade que a cerca e a posição social que ocupa. Pelo contrário, como forma de condicionamento ouve desde criança discursos que os fazem aceitar com satisfação a sua realidade. Cada casta é representada por uma letra grega e seus membros devem usar uma cor correspondente à sua classe. Os Alfas são como se fossem a elite, o topo da pirâmide e são representados pela cor cinza, tem ainda os Betas (amora), Gamas (verde), Deltas (caqui) e por último os Épsilons representados pela cor (preta) e tidos como a casta mais inferior da sociedade. De acordo com Gama-Khalil (2009, p. 65) “vemos que a distribuição dos sujeitos nas espacialidades sociais determina a forma como os poderes serão exercidos historicamente”.

Todos os indivíduos são criados geneticamente em laboratório, depois são clonados em grandes quantidades. Cada grupo receberá características físicas, mentais e comportamentais de

acordo com as funções que desempenhará socialmente. Cada qual deve desempenhar sua função de forma tão perfeita que o lado humano do indivíduo e sua ligação com o ser transcendental é anulado, dando lugar ao artificialismo extremo. Segundo D.I.C. (Diretor de Incubação e Condicionamento), personagem fictício do *Admirável mundo novo*, pertencente a casta Alfa-mais, “o segredo da felicidade e da virtude: gostar daquilo que se é obrigado a fazer. Tal é o fim de todo o condicionamento: fazer as pessoas apreciar o destino social a que não podem escapar” (HUXLEY, s/d, p.12).

Não há dúvidas de que hoje já é realidade algumas “previsões” do *Admirável mundo novo*, como por exemplo, a inseminação artificial, e as escolhas de características físicas da criança, de acordo o doador do material selecionado. Podemos ver uma crítica sobre isso no filme americano de 1997 *Gattaca*, do diretor Andrew Niccol, e no que diz Hannah Arendt (2007, p. 10):

Recentemente, a ciência vem-se esforçando para tornar <<artificial>> a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. O mesmo desejo de fugir da prisão terrena manifesta-se na tentativa de criar uma vida de proveta, no desejo de misturar, <<sob o microscópio, o plasma seminal congelado de pessoas comprovadamente capazes a fim de produzir seres humanos superiores>> e <<alterar (-lhes) o tamanho, a forma e a função>>; e talvez o desejo de fugir à condição humana esteja presente na esperança de prolongar a duração da vida humana para além do limite dos cem anos (grifos da autora).

Na sociedade fictícia do *Amirável mundo novo*, todas as pessoas são criadas em laboratório, mas somente seres das três últimas castas são clonados. O personagem D.I.C. explica como acontece esse processo:

Mas um ovo bokanovskizado tem a propriedade de germinar, proliferar, dividir-se. De oito a noventa e seis gemes, e cada um deles crescerá até tornar-se um embrião perfeitamente formado, e cada embrião, um adulto completo. [...] O processo Bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social! Principais instrumentos da *estabilidade social* (HUXLEY, 1980, p.26, grifos nossos).

E mais adiante diz com triunfo: “Milhões de gêmeos idênticos. O princípio da produção em massa finalmente aplicado a biologia” (HUXLEY, 1980, p.28). E de acordo com Foucault (2005, p. 73) em relação estabilidade social em nossa realidade:

E vamos ver, nesse momento, todos os discursos biológicos racistas sobre a degenerescência, mas também todas as instituições que no interior do corpo social, vão fazer o discurso da luta das raças funcionar como princípio de eliminação, de segregação e, finalmente, de normatização da sociedade.

O que caracteriza essa problemática acima, essa estabilidade social, denominada de racismo de Estado Foucault (2005, p. 73) explica:

[...] um racismo de Estado: um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo no interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social.

E mais na frente salienta demonstrando a relação do racismo e o biopoder, como ambos se desenvolvem:

No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boa e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo biológico de que o poder se incubiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Em resumo, de estabelecer uma censura que será do tipo biológico no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico. [...] Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer censuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder (FOUCAULT, 2005, p. 304-305).

Na ficção, o desenvolvimento do racismo nas pessoas faz parte do processo de educação, como podemos observar neste trecho:

“... todos se vestem de verde”, diz uma voz agradável, mas muito clara, começando no meio de uma frase, “e todas as Crianças Delta vestem-se de cáqui. Oh não, *não* quero brincar com crianças Delta. E os Ipsilones ainda são piores. São tolos demais para aprenderem a ler ou escrever. Além disso, vestem-se de preto, que é uma cor detestável. Sou *tão* feliz de ser Beta” (HUXLEY, 1980, p. 50, grifos do autor).

Em nossa realidade o racismo de uma forma geral também é promovido implícitamente de várias formas pelo processo educacional, mesmo que por meio do silêncio, da omissão e do não-dito, uma vez que existe um currículo que seleciona exclui e valoriza certos saberes e certos discursos em detrimento de outros. Um currículo que se omite quando se trata de trabalhar com o “diferente” com o “anormal” e com a pluralidade cultural e de raças. De acordo com Foucault (2005, p. 29):

Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder. Portanto: regras de direito mecanismos de poder, efeitos de verdade. Ou ainda: regras de poder dos discursos verdadeiros.

Na sociedade descrita por Huxley não há nascimentos; logo, não há casamentos nem famílias, essas instituições são tidas como primitivas ultrapassadas e motivo de vergonha até mesmo

em mencioná-las. O que demonstra que com a ausência dessas instituições não só que o poder é centralizado, como também que esse poder controla a vida das pessoas em todas as instâncias, levando além do racismo de Estado o chamado biopoder. “o biopoder dá amparo à bio-regulamentação pelo Estado moderno – cujas ações se voltam não por fazer morrer (caso da soberania medieval), mas em fazer viver, em encompridar o ciclo produtivo do que se chama vida humana coletiva” (SOUZA; GALLO, 2002, p. 57).

De acordo com Foucault (2005, p. 291):

O outro campo de intervenção da biopolítica vai ser todo um conjunto de fenômenos dos quais uns são universais e outros são acidentais, mas que, de uma parte, nunca são inteiramente compreensíveis, mesmo que sejam acidentais, e acarretam também consequências análogas de incapacidade, de pôr indivíduos fora de circuito, de neutralização, etc. Será o problema muito importante, já no início do século XIX (na hora da industrialização, da velhice, do indivíduo que cai, em consequência, para fora do campo da capacidade, da atividade. E, da outra parte, acidentais, as enfermidades, as anomalias diversas.

Com tamanho poder sobre vida, na ficção, o sexo era bastante incentivado desde a infância, os adultos podiam ter vários parceiros ao mesmo tempo, e nunca deveria ter parceiros fixos, os parceiros só eram necessários na obtenção do prazer, jamais estender para relações de cunho afetivo e sentimental. Sobre essa total liberdade sexual na sociedade, Huxley justifica: “À medida que a liberdade econômica e política diminuem, a liberdade sexual tem tendência para aumentar como compensação” (HUXLEY, s/d, p. 5). Em relação ao nosso contexto atual, Marcuse (1975, p. 13) enfatiza: “E não faz sentido falar sobre “repressão excessiva” quando os homens e as mulheres desfrutam mais liberdade sexual que nunca”. E diz ainda antes:

Sempre que o elevado nível de vida não basta para reconciliar as pessoas com suas vidas e seus governantes, a “engenharia social” da alma e “ciência de relações humanas” fornece à necessária catexse libidinal. Na sociedade afluyente, as autoridades raramente se vêm forçadas a justificar seu domínio. Fornecem os bens; satisfazem a energia sexual e agressiva de seus súditos. Tal como inconsciente, cujo poder destrutivo representa com tanto êxito, estão aquém do bem e do mal, e o princípio de contradição não tem lugar na sua lógica (*idem*, 1975, p.12).

Além da constante busca pelo prazer e bem-estar, fuga da angústia, e qualquer espécie de sentimento “negativo”, algo bastante comum com a nossa sociedade, dentre tantas outras coisas e a da ficção, são as necessidades de fuga da realidade por parte dos seres humanos que vivem civilizadamente. Com suas particularidades anuladas ou atropeladas, ou seja, em uma sociedade constituída por regras e valores que reprimem o ser natural do homem e o seu desejo de pulsão, sua energia primitiva torna-se quase essencial uma alternativa de “libertação” em meio a esta estabilidade social. No caso da sociedade do *Admirável mundo novo*, uma alternativa para amenizar

as angústias e frustrações era o consumo de uma droga denominada Soma. “- Todas as vantagens do Cristianismo e do álcool e nenhum de seus defeitos” (HUXLEY, 1980, p. 78). Essa droga na ficção faz com que as pessoas se escondam na sua fantasia, e na sua ignorância dos conflitos, das angústias, dos porquês, do silêncio, do não dito e das diferenças do outro e do desconforto de isso acarreta.

A história desse livro se passa em dois espaços distintos, o primeiro que se apresenta e onde desenrola a maior parte da história é a cidade de Londres, civilizada e altamente evoluída no que se refere aos aspectos tecnológicos, o outro lugar é Malpais, um lugar situado no México, é caracterizado como selva, e automaticamente seus habitantes são denominados selvagens, ambos os espaços são constituídos de saberes específicos e outros que se cruzam. “Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2004, p. 205).

Entre esses dois espaços surge um personagem inesperado no desenrolar da história, o eremita e também o selvagem John, uma criatura estranha aos dois espaços, que rejeita as duas civilizações, tanto a primitiva quanto a moderna. Mas ao mesmo tempo ele pertence às duas. John é filho de uma Beta (Miranda) com um selvagem, um índio chamado Poper. Na selva teve acesso a conhecimentos diversos através de alguns livros lá ainda existentes, se tornando um ser culto, cristão e politizado. John se esforça muito para pertencer a tribo onde vivia, procurando fazer com dedicação os rituais. Mas continuava a ser tratado e a se sentir como diferente. Era loiro, filho de uma estrangeira com o marido de outra mulher da tribo, John era o estrangeiro “filho do crime”. Resolve ir para a civilização. Diante a mobilidade dos espaços, de estrangeiro se transforma em selvagem. “Na visão de Hall, o deslocamento do sujeito nos espaços é um ato que permite a desconstrução de identidades estáveis, estagnadas e, conseqüentemente, viabiliza a construção de novos sujeitos e identidades” (GAMA-KHALIL, 2009, p. 69-70).

Jonh agora é visto como anormal na sociedade civilizada. Nascido de uma mãe, adepto a uma religião, teve acesso a vários livros e não usa nenhuma droga para fugir de suas angústias. Ele se constitui como algo patológico, uma ameaça devido aos seus questionamentos, seus conhecimentos e sua cultura. Não há espaço para o diferente naquela estrutura social de controle e estabilidade extrema. O fim de Jonh é trágico, ele não resistiu a opressão extrema e ao controle que sufoca o homem natural que há nele. Não resiste a esta civilização estéril. “E, naturalmente, ele por fim é levado a desistir da sanidade; seu Penitencismo nativo reafirma sua autoridade e ele termina numa autotortura maníaca e num desespero suicida” (HUXLEY, 1980, p. 12).

Atraídos pela fascinação do horror da dor e impelidos interiormente pelo hábito de

cooperação, pelo desejo de unanimidade e comunhão, que seu condicionamento implantara tão profundamente, começaram a imitar os gestos do selvagem, batendo uns nos outros enquanto o selvagem vergastava sua própria carne rebelde, ou aquela encarnação roliça da torpeza, que se torcia nas urzes a seus pés (HUXLEY, 1980, p. 309).

Acerca do que venha a ser o estranho e o desconhecido Souza e Gallo (2007, p. 57), faz uma importante reflexão:

O *estranho* tem a ver, fundamentalmente, com o desconhecido que somos nós para nós mesmos. O *estranho* tem uma territorialidade que escapa à localização; sua presença está fadada a ser apenas sentida, dado que não se submete à racionalidade de nenhum tipo. Sua ordem é a do *desejo*, portanto, seu espaço, paradoxalmente, é o da *fala*. Sua presença entre/em nós convoca-nos ou para a *vida* com seus *jorros*, ou para a *morte* – morte desse estranho em nós, tão insistentemente em ser saciado, tão aparentemente desinteressado em nos fazer voltar à unidade especular (grifos dos autores).

Ao que parece a passagem do Selvagem por aquela sociedade, causa danos a toda a estrutura de controle. É como se os instintos humanos de tão reprimidos e diante de tanto controle, bastou um único corpo estranho para eclodir de uma só vez todas as manifestações “patológicas incubadas” no silêncio daquela sociedade esteril, no *Admirável mundo novo*.

4 Conclusão

Podemos perceber por meio do que foi exposto acima que, a sociedade fictícia do *Admirável mundo novo* se sustenta, principalmente, devido ao papel controlador que a educação desempenha na vida de seus habitantes. Por meio de um currículo que se mostra eficiente quando se trata de promover a manutenção da ordem social e do *status quo* o que acaba justificando e naturalizando o racismo de estado, (elementos que também fazem parte da base de nossa sociedade) em nome de uma estabilidade e bem-estar social.

Este livro por si só é bastante provocativo, e da margem à várias reflexões, principalmente, a respeito do sentido e do objetivo de nossa educação e, do tipo de homem que está sendo formado por meio dela. Enquanto professores, devemos estar atentos aos propósitos curriculares. Devemos contribuir na formação de homens e não apenas de indivíduos com habilidades para integrar uma sociedade. Ou como diz Elias (1994) “um cidadão individualmente considerado”. Uma peça na engrenagem chamada sociedade.

Diante das inúmeras possibilidades de análises que o livro oferece, o que procuramos trabalhar foi somente uma pequena amostra de alguns elementos nele presentes; questões referentes à educação e à formação dos seus cidadãos e o racismo de estado foram nosso enfoque, para que,

paralelamente, com a realidade nos permitir uma reflexão acerca do nosso processo educacional, do nosso currículo como ele se encontra hoje, e questionar quanto a sua finalidade e seus rumos.

Referências

ALVES, Ana Elizabeth Santos. **Qualificação e trabalho bancário no contexto da reestruturação produtiva**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2005.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. As práticas no espaço d'O conto da ilha desconhecida. In: MILANEZ, Nilton, SANTOS, de Jesus Santos (orgs.). **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares**. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 63-74.

Gattaca. Dir. Andrew Niccol, Estados Unidos, 1997.

GOYTISOLO, Juan Valett de. **O perigo da desumanização através do predomínio da tecnocracia**. São Paulo. Mundo Cultural, 1977.

HUXLEY, Aldous Leonard. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Admirável mundo novo**. Lisboa: Editores Associados, s/d.

MARCUSE, Herbert. **Eros e a civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

PARASKEVA, João Menelau. Introdução crítica: uma abordagem simplista para um fenômeno complexo. In: _____. **O currículo**. Lisboa: Didática, 2004, p. 7-27.

SOUZA, Regina Maria de; GALLO, Silvio. **Por que matamos o barbeiro?** Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 79, agosto/2002. p. 39-63.

Tempos modernos. Dir. Charles Chaplin, Reino Unido, 1936.